

Dealema

BANDA DE HIP HOP

"Nós tentamos fazer relatos e não críticas"

"Ao fazer música, não procuramos atingir nenhuma imagem. Só queremos ser isto que nós somos"

RODRIGO AFFREIXO

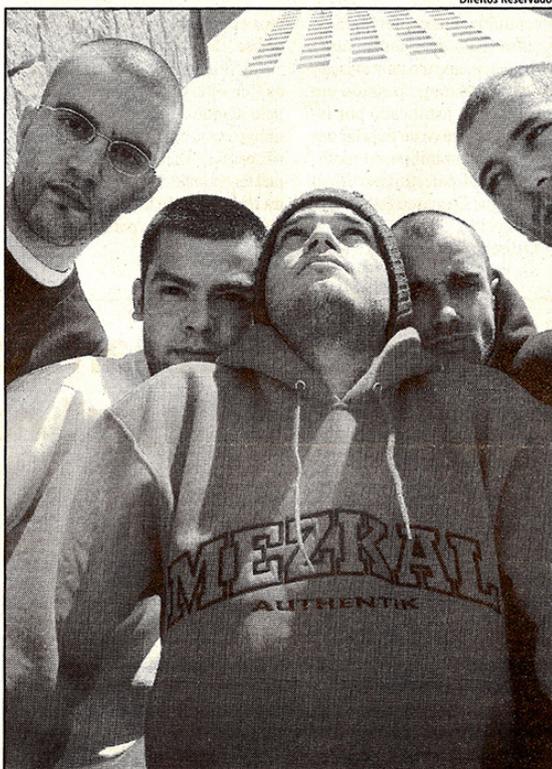
Desde 1996 que os Dealema são uma referência obrigatória do hip hop do Porto. A partir de Vila Nova de Gaia, este colectivo formado por cinco jovens – Fuse, Expião, Maze (MCs), DJ Guze e Mundo (produtor) – fez questão de crescer e evoluir tecnicamente, com muitas horas de trabalho caseiro e muitos concertos por todo o país. Pelo caminho, em parcerias internas ou individualmente, lançaram outros projectos em disco. E, finalmente, chegou a hora da confirmação. A partir de um desafio da NorteSul, gravaram o seu álbum de estreia, "Dealema", que é colocado à venda amanhã e que é uma muito agradável surpresa no actual (e estimulante) panorama do hip hop português. Uma destas noites, o COMÉRCIO mergulhou a fundo na realidade da "Nova Gaia" e reuniu-se com Expião, Maze, DJ Guze e Mundo no pequeno sótão cheio de graffiti da casa deste.

O COMÉRCIO DO PORTO: São todos de Gaia?

Dealema: Uns do Porto, outros de Gaia.

CP: Como é que começou esta aventura?

Dealema: Conhecemo-nos em 1995 e começámos a trabalhar no ano seguinte. Havia dois projectos – Factor X e Fullashit, do qual faziam parte o Mundo, o DJ Guze, o Expião e o Fuse. Entretanto, fez-se uma fusão desses projectos, apareceu o Maze e formámos os Dealema. Começámos a gravar umas maquetas, por curiosidade, para ver o que fazíamos... Não havia, sequer, o intuito de formar uma banda. Foi uma coisa espontânea. Gravámos uma música, "HIVedeta", que mandámos para o José Mariño. Passados uns meses, gravámos a nossa primeira maqueta, "Expresso do Submundo" (1996), com sete ou oito temas. A partir daí, fomos crescendo. Participámos no álbum dos Mind Da Gap, fizemos "mixtapes", "underground", compilações... Começámos a fazer os primeiros concertos no Hard Club e a chamar muita gente: vinham pessoas de Lisboa porque, na altura, ainda não havia muita troca de ideias ao vivo. Trazer cá as pessoas de fora e



Dealema: "Acima de tudo, procuramos fazer boa música"

partilhar com elas o nosso palco, por assim dizer, para conviver e ver como que está o hip hop no resto do país. Era isso, basicamente, o que nós fazíamos e continuamos a fazer.

CP: Também colaboraram com projectos da Galiza...

Dealema: Sim, o Mundo chegou a produzir umas faixas para o álbum do El Puto Coke e também fez uma a meias com ele. E temos ligações, porque ele e os La Familia são da Coalizão, que é formada pelos Mind da Gap, pelos La Familia e por nós. E já

vieram cá tocar, e nós também já fomos a Vigo tocar com eles. Mantemos uma relação muito saudável.

CP: Em termos de edições, o que é que têm feito para além dessa primeira maqueta?

Dealema: Sabei o Terrorismo Sónico (projecto de Mundo e Expião) e o Fuse também editou dois discos a solo. Além disso, fizemos uma compilação, "Rockaforte".

CP: Desde 1996 até ao primeiro álbum, o processo foi proposadamente demorado

ou complicado, por falta de editora?

Dealema: Foi "destabalhoado" [risos]. Acho que fomos amadurecendo com o tempo e agora conseguimos finalmente organizar-nos, da forma que queríamos, para gravar o disco. Se calhar ainda não tínhamos as infra-estruturas para fazer um álbum dos Dealema como queríamos, com mais profissionalismo. Entretanto, fomos fazendo experiências que também trouxeram esse aperfeiçoamento para o nosso álbum. Se houve coisas que correram mal nos discos do Terrorismo Sónico e do Fuse, decerto que já não aconteceram no álbum dos Dealema. E não o lançámos antes por causa de não termos editora. Nós nunca fizemos o que as bandas costumam fazer, que é gravar uma "promo" para mandar para as editoras. Nunca fizemos isso, nunca nos preocupámos com isso, porque, se calhar, preocupámo-nos mais em promover e criar as infra-estruturas necessárias para o hip hop, em geral. As editoras não eram uma preocupação. Se conseguíssemos fazer uma edição de autor, para nós já era muito bom. Aliás, este disco já estava gravado, aqui, com os nossos meios.

CP: Foi uma proposta da NorteSul?

Dealema: Sim, porque o Pedro Tenreiro [A&R da NorteSul] já vem a acompanhar a nossa carreira mesmo desde o início. Por isso, fez-nos essa proposta mesmo antes de ouvir o álbum, porque já conhecia bem o que fazíamos. Mas a NorteSul não foi a única editora a fazer-nos esta proposta, embora tenha sido a que nos deu mais vantagens.

CP: Os Dealema marcam uma diferença em relação a outros projectos de hip hop, que passa por uma simplicidade e uma humildade muito grandes, em termos de atitude e mesmo de imagem.

Dealema: Isso surge da nossa maneira de fazer música. Nós fazemos música porque gostamos de nos ouvir uns aos outros. Talvez sejamos pouco entusiasmados, e vemos as coisas numa forma simples, e interpretamo-las de forma simples, e tentamos transmiti-las da forma mais simples. Quando estamos em palco, so-

mos exactamente iguais ao que somos cá fora. Essa simplicidade também parte de nós, da nossa própria essência, e ao fazer música não procuramos atingir nenhuma imagem. Agora estamos a aparecer mais nos jornais, duma só vez, porque vai sair o álbum, e isso para nós é irrelevante, porque vamos continuar a fazer a mesma música. E mesmo que saísse o álbum sem esse apoio, ia ser o mesmo disco, com a mesma essência, ia ser tudo igual. E é bom que as pessoas percebam isso, porque, duma forma ou doutra, só queremos ser isto que nós somos.

CP: Em relação ao hip hop que se faz em Portugal, o vosso disco traz duas novidades: um som mais "duro" do que é habitual, mas também mais dançável, e que deixa respirar melhor a parte instrumental...

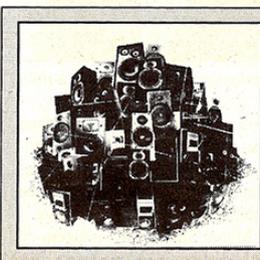
Dealema: Acima de tudo, procuramos fazer música, boa música, com originalidade, e saber quando é que a rima entra com força, quando é que o ritmo tem de respirar. E isso é muito importante na música. Mas isso fomos aprendendo, porque as nossas músicas, ao início... [risos] Através das maquetas, fomos aprendendo a evitar o massacre. Apesar de acharmos que, em relação a este disco, se calhar já vamos simplificar um bocadinho mais no futuro. Até porque a dinâmica com o DJ também é muito importante.

CP: ...e as rimas também são diferentes, são uma espécie de "voz da rua", mais do que o que é costume. Colocam mais concretamente os problemas sociais e políticos.

Dealema: Nós começámos, se calhar, com mais intervenção, mas cada vez estamos a ir mais para o pessoal. Tudo aquilo que nos atinge a todos nós pessoalmente, e não aquela mensagem social do tipo "isto está mal, aquilo está mal...". Nós tentamos fazer relatos e não críticas. É mais construtivo, se calhar, fazer um relato da nossa própria realidade, nem que seja interior, daquilo que estamos a sentir, do que dizer que uma instituição ou uma estrutura da sociedade estão mal. Para isso, inscreves-te num partido, vais fazer discursos e, se calhar, não fazes nada. Com a nossa música também não fazemos nada, mas ao atingirmos as pessoas, se calhar, em certos aspectos das suas vidas, isso para nós já é positivo. Talvez assim consigamos mudar alguma coisa.

CP: E dão conselhos. As vossas rimas funcionam como um guia de sobrevivência.

Dealema: Isso é uma realidade, no hip hop. No fundo, a gente tenta cativar nos putos aquilo que não conseguimos para nós, para que, desde mais cedo, eles aprendam que as coisas não são assim tão fáceis de conseguir. São mais instruções de sobrevivência do que conselhos.



Dealema

"Dealema"

Norte/Sul - VC